

INQUIETAÇÕES METODOLÓGICAS: O URBANO E A URBANIZAÇÃO COMO OBJETO DE ANÁLISE*

Naia Oliveira**

Estas notas traduzem a inquietação que se coloca na busca de uma orientação metodológica que visa atingir a compreensão das condições estruturais que conformam o urbano e a urbanização.

Após a realização dos trabalhos *Segregação Urbana e Mortalidade em Porto Alegre* e *Vazios Urbanos em Porto Alegre: Uso Capitalista do Solo e Implicações Sociais*,¹ em que foram estudadas as formas de uso e ocupação do solo e as consequências nas condições de vida da população, entendendo o urbano como o espaço da condensação das contradições do desenvolvimento capitalista em seu estágio atual, sentimos a necessidade de um estudo global sobre o contexto urbano do Rio Grande do Sul.

As pesquisas anteriores realizavam um corte no tempo, de modo a captar alguns pontos relevantes da problemática urbana no período recente, e centravam-se na realidade de Porto Alegre, particularizando o enfoque, já que entendemos a cidade como expressão particular de um processo social mais geral.

Nossas preocupações, neste momento, voltam-se para a compreensão mais globalizante do processo de urbanização que envolve um quadro de articulações que tem referência no conjunto de relações sociais que estruturam as cidades em si mesmas, no sistema urbano, reflexo das relações entre as cidades, e no contexto urbano-rural, considerando as conexões existentes entre as produções agrária e urbana, assim como a relação existente entre a cidade e o seu entorno (Gonçalves, 1986).

* Essa reflexão resulta de uma discussão que envolve também Tanya Barcellos, Mercedes Rabelo, Elisa Giacobbo e Fernanda Corezola para elaboração conjunta do projeto de pesquisa "O Processo de Urbanização no RS, no Período Pós-60, Face às Mudanças nos Aspectos Técnicos da Produção Industrial e Agrícola."

** Socióloga da FEE.

¹ As pesquisas citadas foram desenvolvidas dentro da linha de pesquisa Estudos Urbanos, que a Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser (FEE) contempla desde 1984, que, juntamente com os estudos sobre a Questão Regional, atualmente, fazem parte do Núcleo de Estudos Regionais e Urbanos.

Esse quadro de articulações tem por base uma distribuição peculiar das atividades produtivas, uma dinâmica populacional específica e uma regulação histórica e cada vez mais forte do Estado, traduzindo as relações sociais que estão presentes na formação sócio-econômica de uma sociedade, detectadas a partir de uma leitura histórica do seu processo de desenvolvimento.

Neste ponto da nossa argumentação, é necessário incluir a categoria espacial, pois o espaço² é a manifestação concreta das relações sociais que constituem uma formação sócio-econômica. Portanto, o espaço assume a dimensão de totalidade social³, fazendo parte do conjunto de processos econômicos, políticos e cultural-ideológicos.

Milton Santos⁴ é um expoente na discussão dessa questão, explicitando-a pela expressão “formação espacial”, na qual incorpora as categorias modo de produção e formação econômico-social.

Essas categorias ganham especificidade, enquanto pressupostos metodológicos, na seguinte passagem de Breitbach:

“A formação social (...) expressa as particularidades de uma organização social determinada e, por isso, constitui-se no âmbito conceitual mais adequado para a observação dos elementos espaciais. Isso não implica, entretanto, que tais elementos não estejam presentes em outros âmbitos, como, por exemplo, no âmbito mais abstrato do modo de produção. Entretanto, justamente por seu caráter mais abstrato, o modo de produção designa tão-somente a essência das relações sociais presentes em diversas formações sociais, constituindo-se num ponto de partida, num referencial necessário de análise, onde, porém, não se encontram claramente expressos os elementos de ordem espacial” (Breitbach, 1988, p.59).

A formação sócio-econômica é indissociável do concreto, ela distingue as estruturas produtiva, técnica e política de uma sociedade historicamente determinada. Ela está espelhada na formação espacial, mas esta não se constitui em mero retrato, pois também imprime, dada a sua materialidade, restrições à manifestação dessa relação.

² A compreensão do espaço como produto social encontra sustentação na noção de trabalho e de natureza muito bem exposta em Breitbach (1988, p.43-53).

³ “A totalidade concreta como concepção dialético-materialista do conhecimento do real (...) significa, (...) um processo indivisível, cujos momentos são: a destruição da pseudoconcretidade (...) e o conhecimento da sua autêntica objetividade; (...) conhecimento do caráter histórico do fenômeno, no qual se manifesta de modo característico a dialética do individual e do humano em geral; e enfim o conhecimento do conteúdo objetivo e do significado do fenômeno, da sua função objetiva e do lugar histórico que ele ocupa no seio do corpo social.” (Kosik, 1976, p.51-2).

⁴ Aqui nos referimos especialmente ao primeiro capítulo do seu trabalho *Espaço e Sociedade* (Santos, 1979).

A formação sócio-econômica traz dentro de si uma divisão social territorial do trabalho⁵ que incorpora as condições necessárias à produção social e as formas de organização do trabalho, cuja expressão decorre do padrão de acumulação característico em cada conjuntura histórica. Assim sendo, essa dinâmica define perfis de urbanização próprios em cada etapa do processo produtivo, desvendando as relações entre técnica, produção, território e população.

Decorre dessas constatações a relevância das categorias modo de produção e divisão social do trabalho, embora necessitem especificação quanto a sua aplicabilidade, na medida em que temos por objeto de análise o urbano e a urbanização.

Reconhecemos que os estudos de caráter comparativo e de abordagem histórica são os indicados para se avançar nessa área, pois a primeira perspectiva permitiria revelar os elementos comuns e tirar conclusões mais globais, e a segunda discutiria os condicionantes históricos. Certamente, a utilização conjunta dessas perspectivas seria o ideal.

Dada a complexidade que o desenvolvimento de uma pesquisa assumiria para cumprir com tais requisitos e, por outro lado, as expectativas que temos com os nossos trabalhos, guardadas as suas especificidades, remetemo-nos a objetivos menos ambiciosos, onde, por aproximações sucessivas, poderemos contemplar as condições estruturais do processo de urbanização e as características intrínsecas das aglomerações urbanas.

Dessa forma, o tema da nossa investigação sobre o processo de urbanização no Rio Grande do Sul, na sua primeira etapa, contempla a reconstituição das tendências que marcaram o período posterior a 1950, orientada basicamente pelo exame do fenômeno da concentração populacional. A análise privilegia a avaliação de indicadores de crescimento e da primazia urbanos, bem como de medidas que refletem a situação das nossas cidades com relação ao tamanho, especialmente o processo de metropolização. Essas informações são cotejadas com os estudos mais recentes⁶ sobre o modo como se organiza o sistema urbano no País, no sentido de detectar se o RS acompanha a dinâmica nacional.⁷

A segunda etapa envolve a análise dos perfis de urbanização das maiores aglomerações urbanas, procurando avaliar os contornos do fenômeno da segregação sócio-espacial e o quadro das condições de vida das populações. É nosso objetivo, também, verificar se em outros espaços se reproduz o perfil metropolitano de crescimento.

⁵ Marx deixa claro a condição física presente na divisão social do trabalho, quando examina o surgimento da manufatura: "O fundamento de toda divisão do trabalho desenvolvida e processada através da troca de mercadorias é a separação entre a cidade e o campo" (Marx, 1975b, p.404).

⁶ São significativos os trabalhos de Cano & Pacheco (1989), Faria (1983) e Santos (1988).

⁷ Essa etapa já está realizada, corresponde ao estudo *O Processo de Urbanização no RS: Características Recentes* (Oliveira et alii, 1990).

Na continuidade, a terceira etapa apresenta um painel que mapeia o que, sem rigorismo conceitual, estamos chamando de estrutura das produções industrial e agrícola, buscando detectar as repercussões dessas nas aglomerações urbanas, ou seja, observar como a produção interfere na configuração urbana, sem esquecer o papel dos condicionantes históricos. Essa espacialização envolve o levantamento dos municípios que apresentam (em períodos previamente escolhidos) o maior valor agregado da produção industrial pelos principais gêneros, apontando o número de empregados, o número de estabelecimentos e a produtividade, definida pelo valor agregado por cada empregado. Para a produção agrícola, a fonte é o levantamento dos municípios que apresentam os principais produtos comercializados, tendo por parâmetro o processo de modernização que contempla mecanização, insumo, crédito destinado e produtividade, salientando esta última (considerando área por quantidade produzida) e o valor da produção e a produtividade (área por quantidade produzida).

Finalmente, está prevista, como quarta etapa, uma avaliação da distribuição das classes sociais no espaço, em função das mudanças na organização do trabalho tanto para a indústria como para a agricultura.

Acreditamos que o desenvolvimento da investigação, cumprindo essas etapas, nos aproxima da relação fundamental que se coloca em termos metodológicos entre a técnica, a produção e o espaço. A inserção da população, enquanto elo dessa relação, ocorre em dois níveis: um que remete a sua distribuição no território, e outro que dá organicidade a essa espacialização, agregando a questão da participação à produção e ao produto social.

Bibliografia

- BREITBACH, Áurea Corrêa de Miranda (1988). *Estudos sobre o conceito de região*. Porto Alegre, FEE. 96p. (Teses, 13).
- CANO, Wilson & PACHECO, Carlos Américo (1989). O processo de urbanização do Estado de São Paulo e suas implicações sobre a dinâmica demográfica regional. In: ENCONTRO NACIONAL, 3., Águas de São Pedro. Águas de São Pedro, ANPUR. (Mimeo).
- CASTELLS, Manuel (1986). Mudança tecnológica, reestruturação econômica e a nova divisão espacial. *Espaço & Debates*, São Paulo, NERU, 6(17):05-23.
- FARIA, Vilmar (1983). Desenvolvimento, urbanização e mudanças na estrutura do emprego: a experiência brasileira dos últimos trinta anos. In: SORJ, Bernardo & ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de, org. *Sociedade e política no Brasil pós 64*. São Paulo, Brasiliense.
- GONÇALVES, Maria Flora (1986). Processo de urbanização no Brasil: delimitação de um campo de pesquisa. In: ENCONTRO ANUAL, 10., Campos do Jordão. Campos do Jordão, ANPOCS. (Mimeo).

- GONÇALVES, Maria Flora & SEMEGHINI, Ulysses Cidade (1989). O terciário na urbanização paulista: notas preliminares para discussão. In: ENCONTRO NACIONAL, 3., Águas de São Pedro. Águas de São Pedro, ANPUR. (Mimeo).
- KOSIK, Karel (1976). Dialética da totalidade concreta. In: —. **Dialética do concreto**. 2.ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra. p.9-54, cap.1.
- MARX, Karl (1975). A chamada acumulação primitiva. In: —. **O capital**. 3.ed. São Paulo, Civilização Brasileira. Liv. 1, t.2. p.828-82.
- (1975a). A maquinaria e a indústria moderna. In: —. **O capital**. 3.ed. São Paulo, Civilização Brasileira. Liv. 1, t.1, pt.1, 4 e 8, cap.13.
- (1975b). Divisão do trabalho na manufatura e divisão do trabalho na sociedade. In: —. **O capital**. 3.ed. São Paulo, Civilização Brasileira. p.403-11.
- OLIVEIRA, Naia et alii (1990). O processo de urbanização no Rio Grande do Sul: características recentes. In: ALMEIDA, Pedro Fernando Cunha de, coord. **A economia gaúcha e os anos 80: uma trajetória regional no contexto da crise brasileira**. Porto Alegre, FEE. p.135-63.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres (1989). Macro-urbanização: periodização e recorte espacial. In: ENCONTRO NACIONAL, 3., Águas de São Pedro. Águas de São Pedro, ANPUR.
- SANTOS, Milton (1979). **Espaço e sociedade: ensaios**. Petrópolis, Vozes. 156p.
- (1988). O meio técnico-científico e a urbanização no Brasil. **Espaço & Debates**, São Paulo, NERU, (25):58-62.
- (1989). Modernidade, meio técnico-científico e urbanização no Brasil. In: INTERNATIONAL SYMPOSIUM ON LATIN URBANIZATION, Tsukuba. (Mimeo).
- (1988a). A metrópole: modernização, involução e segmentação. In: TRENDS AND CHALLENGES OR URBAN RESTRUCTURING, Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IUPERJ/ISA. (Mimeo).
- SANTOS, Milton & SOUZA, Maria Adélia de, org. (1986). **A construção do espaço**. São Paulo, Nobel.
- TOPALOV, Cristian (1988). Fazer a história da pesquisa urbana: a experiência francesa desde 1965. **Espaço & Debates**, São Paulo, NERU, 8(23):5-30.

ORIENTAÇÃO PARA APRESENTAÇÃO DE ARTIGOS

1 — A revista **Ensaio FEE**, publicação periódica da Fundação de Economia e Estatística **Siegfried Emanuel Heuser (FEE)**, elaborada sob a responsabilidade técnica dos Centros de Estudos Prospectivos e de Estudos em Economia e Desenvolvimento, destina-se a canalizar e estimular o debate científico, incluindo textos de natureza teórica, bem como referentes à área sócio-econômica do Rio Grande do Sul e do País. Expressa investigações, argumentos, idéias e conclusões dos técnicos da FEE em particular e de eventuais colaboradores da comunidade científica gaúcha e nacional.

A FEE não se identifica necessariamente com as opiniões dos articulistas, os quais são responsáveis pelo conteúdo e forma de seus trabalhos. Dentro da área de conhecimento com que se preocupa, a Revista propõe-se a divulgar um amplo espectro de posições, ensejando o debate científico.

2 — Aceitam-se para publicação trabalhos originais, os quais serão submetidos e julgados pelo Conselho de Redação da Revista:

Artigos: devem-se limitar a 40 laudas, incluindo notas de rodapé, bibliografia e referências.

Artigos traduzidos: trabalhos publicados originalmente em idioma estrangeiro que, pela sua relevância, interessam à divulgação mais ampla em português.

Notas, comentários e resenhas de livros e teses devem-se limitar a 20 laudas, incluindo notas de rodapé, bibliografia e referências.

3 — Orientação para apresentação dos trabalhos:

a) os colaboradores deverão submeter seus trabalhos em duas vias datilografadas em espaço dois, acompanhados de um resumo em inglês (abstract);

b) os artigos e contribuições deverão conter referências bibliográficas completas;

c) os trabalhos apresentados serão considerados definitivos;

d) cada trabalho deve ser acompanhado de uma folha de rosto, onde conste título e nome do autor com breve referência acadêmica e/ou profissional.

4 — Os originais dos textos submetidos à apreciação do Conselho de Redação da Revista para publicação não serão devolvidos aos seus autores.

5 — Os artigos e demais contribuições deverão ser encaminhados para:

Revista Ensaio FEE

Fundação de Economia e Estatística Siegfried Emanuel Heuser

Rua Duque de Caxias, 1691

90.010 — Porto Alegre(RS)

Os colaboradores receberão dez separatas de seu artigo e um exemplar da Revista.